

A RESTAURAÇÃO

SEMENARIO CATHÓLICO

REDACÇÃO

Sédo social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar
GUIMARÃES

Director e proprietario — Antonio Luis da Silva Dantas

Editor — João P. d'Oliveira Bastos

ADMINISTRAÇÃO

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Uimaranense

Rua de Payo Galvão

Um "homem,"

Ha tempos cheios de inquietação e temor, em que as mais poderosas nações se perturbam e parecem, segundo a expressão da Sagrada Escripura, caminhar atônitas e cambaleantes em suas vias; tempos cheios de dôr, em que os povos pendem para a ruína; em que os habitantes da terra deixam cair as mãos tomados de abatimento e terror; em que, finalmente, ainda as almas mais firmes, feridas do esmagador espectáculo dos males públicos e particulares, acham difficuldades em se defender dos mais sinistros presentimentos.

E comtudo uma voz tem sempre clamado através dos séculos que nunca se deve desesperar do género humano nem do seu futuro, porque o género humano passa e se renova sem cessar, e pode cada dia chegar a um renovamento feliz.

Nem duma nação se deve desesperar. Por maiores que sejam os seus infortúnios, ha sempre para ella um recurso: basta que ella se deixe levantar e que tenha quem a levante.

Sim: é preciso que ella tenha quem a levante. Para formar, para sustentar, para regenerar uma nação, é preciso que haja *homens*. As nações não se elevam, não se engrandecem, não se conservam, não rejuvenescem, não se renovam senão por meio de *homens*. Quando é que os povos se vêem enfraquecer, decaír da sua grandeza e precipitar-se na ruína? Quando lhes faltam os *homens*.

Homens ha-os sempre: mas o que contribue para a grandeza, para a prosperidade moral e intellectual dum povo, não sam quaesquer homens: sam os homens feitos, os homens acabados, em summa, os *homens*.

A população de Portugal tem augmentado. A vida social é activa e até agitada. Os caminhos da fortuna, todas as carreiras da vida social se acham atulhadas. Os homens apinham-se, apertam-se, chocam-se, fatigam-se uns aos outros. E comtudo ouve-se dizer de todos os lados: «Faltam os *homens*!... Onde estão os *homens*...?»

Outrora Diógenes, com uma lanterna na mão, procurava um *homem* em pleno meio dia. O mesmo nos acontece a nós em meio de tamanha multidão de homens. E' que o *homem*

que se busca, os *homens* de que precisamos, sam coisa diferente dos homens que ai abundam, que ai se agitam, que ai se entrechocam de todos os lados.

Então que é um *homem*? Que se entende por esta expressão? A história dos povos e a revelação divina lançam sobre esta questão uma luz muito viva.

Que procuram os povos quando temem um grande desastre? Procuram um *homem* que delle os preserve.

Quando as nações agonizam nas convulsões da anarchia, ou caem nesse abatimento lethárgico que é o somno precursor da morte, antes de exhalarem o último alento dizem a palavra do Evangelho: «Falta-nos um *homem*! Não temos *homem*. — *Hominem non habeo!*»

Quando precisam dum vingador, invocam, ainda do meio das ruínas da pátria e das suas cinzas fumegantes, o *homem* que as ha de vingar.

Um Hebreu, fatigado da impotência da lei e da esterilidade do sacerdócio antigo, bradava outrora: «*Exurgat alius sacerdos!*»

Quasi todos os homens esperam um *homem*, buscam um *homem*, um homem deante do qual se cala a inveja e todas as paixões baixas («... *si forte uirum quem conspexere, silent...*»); um homem que seja para os outros homens o *homem* da esperança, o *homem* da salvação, o *homem* da Providência.

No principio do século passado, foi Napoleão quem respondeu a esta aspiração, a este desejo, a este voto, a este brado da França.

Hoje, em Portugal, que é que nos falta? que é que nós esperamos? Um *homem*! Basta um! Talvez que, se fossem muitos, consummassem a nossa desgraça.

A Portugal falta um *homem*! Felizes os povos de quem se pode repetir a palavra do Evangelho: «Houve para elles um *homem* enviado por *Deus*! — *Fuit homo missus a Deo!*»

O homem é o grande meio empregado por *Deus* para salvar o homem. Tal missão é sem dúvida a maior glória que *Deus* pode conferir a um homem neste mundo.

Esta glória é quasi sempre dolorosa, sanguinolenta. Ninguém salva os homens, senão dedicando-se por elles e algumas vezes morrendo por elles.

Os homens a maior parte das vezes não querem ser sal-

vos: então é preciso salvá-los a despeito delles mesmos e morrer por elles e às suas mãos. Dá-se então esse não sei quê de incomparavel e de acabado, que os grandes infortúnios accrescentam às grandes virtudes.

Deus achou isso tam glorioso, que reservou esta glória para seu Filho. Tanto é verdade que *Deus* salva a humanidade pelo homem, que, quando elle próprio quis trabalhar em nossa salvação e salvar-nos, se fez homem: « *homo factus est!*»

Falta-nos um *homem*! Peça-mos a *Deus* que suscite esse *homem*: o homem de juízo, o homem de bem, o homem de génio, o homem forte, o homem providencial, o homem de *Deus*.

Appareça esse *homem*, e Portugal será salvo.

MIMETOR.

«Ha governos que não vêm nas leis senão os instrumentos da sua auctoridade: e a isso é que se ousa chamar justiça!»

Platão.

O JORNALISMO CATHÓLICO

X

MÁRIO. — Mas não se pode negar que todos nos devamos accommodar aos tempos. Ora, hoje em dia, costumam-se evitar as phrases demasiadamente affirmativas e que tenham qualquer coisa de decisivo. Se acontecer affirmar uma pessoa alguma coisa que não é verdadeira, não dizemos que essa pessoa commetteu uma falsidade, mas sim uma inexactidão.

D. EUSEBIO. — Não affirmes tam depressa, caro amigo, que nos devemos accommodar aos tempos. Quando isto se pode fazer sem prejudicar os interesses da consciência e da recta razão, concedo; mas, não sendo assim, nunca. O tempo em que vivemos é corrompido, de tal modo que, seguindo a moda, o homem deshonra-se. Nosso Senhor não nos exhortou a conformarmo-nos com os tempos; antes disse por bocca de S. Paulo: *Nolite conformari huic saeculo* (1). Na matéria de que nos occupamos, é bem que, onde não ha razão em sentido contrário, nos sirvamos duma linguagem benévola; mas—repito—não devemos fazer crer que temos por duvidoso o que é certo, nem como somente imperfeito o que é detestavel. Tambem não devemos mudar à vontade o sentido das palavras, para não desagradar a outrem. O que é falso, não é só inexacto: é coisa peor.

(1) Rom., XII, 2.

ALEXANDRE. — Convem, todavia, respeitar sempre as pessoas e distinguir dos erros aquelles que erram. E é este precisamente um ponto em que os limites da moderação sam hoje muitas vezes excedidos. Ao combater os erros, não se presta sufficiente attenção à respeitabilidade das pessoas, que sam expostas a padecer algum detrimento na estimação pública.

D. EUSEBIO. — E' justo. Convem distinguir dos erros aquelles que os commettem. Enquanto arruinamos o erro e a iniquidade, devemos procurar, quanto o nosso dever permitta, respeitar as pessoas. Mas note-se bem que eu digo: «quanto o nosso dever permitta»; porque o nosso respeito às pessoas nunca nos deve levar, nem muito nem pouco, a deixar de ferir o erro, a impiedade, a injustiça e a culpabilidade das doutrinas. Ora é claro que é impossivel proceder assim, sem que o descrédito, o ridiculo e a malignidade das opiniões façam ressaltar publicamente alguma deshonor para o auctor. Mas este descrédito do auctor não pode de certo ser-nos lançado à conta de culpa: é uma consequência necessária do erro e mal commettido.

Querias tu que um homem que tivesse demonstrado uma imprudência enorme ou uma ignorância deploravel, pudesse ser cumprimentado como homem de fina penetração e profunda sciência? Essa que vem a cair sobre aquelle que errou, é muito proveitosa para o próprio auctor do erro, e para a sociedade. E' proveitosa para o auctor do erro, porque lhe ensina, à sua custa, a ser mais prudente e mais diligente no cumprimento dos seus deveres. E' proveitosa para a sociedade, porque a informa praticamente do erro commettido por um de seus membros e preserva do perigo de ver muitas pessoas tornarem-se imitadoras daquelle que errou. E notai, caros amigos, que fallo na hypótese em que aquelle que errou o fez só por fraqueza de intelligencia; porque, se se tratasse dos inimigos arrogantes da Igreja e dos traidores mal disfarçados sob o manto rasgado e transparente da hypocrisia, qualquer que fosse a censura infligida aos seus escriptos perniciosos e infames, não poderia essa humilhação ser contrária às leis da justa moderação, uma vez que fosse proporcionada ao fim que devesse atingir. Na verdade, taes escriptos e taes acções causam extremo prejuizo à sociedade, e exigem, por conseguinte, que algum os reduza à ordem pelo modo mais rigoroso (1).

ALEXANDRE. — Comtudo deve usar-se de caridade até para com esses infelizes escriptores e procurar fazer que elles sejam lucrados para a boa causa e se corrijam. A censura e a nota de reprovação com que um motivo religioso nos faz estigmatizar os seus escriptos e as suas acções

devem ter por fim melhorá-los, tanto mais que, ainda nessas pessoas, a intenção não é tam má como se suppõe. Os seus escriptos sam decerto enganadores, mas os auctores sam muitas vezes grandes enganados, a quem a sua má educação, o triste meio em que se encontram, e muitas outras circunstancias devem excusar.

D. EUSEBIO. — Confundes muitas questões bem diversas, a cada uma das quaes cumpre dar uma resposta particular. Convem usar de caridade até para com esses infelizes: quem pode duvidar disso? Mas a caridade bem entendida exige que antes de tudo se proveja ao bem commum, que se procure reparar o mal causado por esses auctores perversos e que obste ao aggravamento e perpétuação do mal. Ora nada disto se pode fazer, a maior parte das vezes, sem censurar publicamente taes escriptores como elles merecem. E' pois uma verdadeira loucura querer que se confundam os seus erros e se poupe a sua auctoridade de escriptores; tanto mais que esta auctoridade é precisamente o seu principal meio de espalhar o erro. As multidões sam muitas vezes conquistadas para uma causa mais pela auctoridade daquelle que a defende, do que pelas razões intrínsecas com que elle a defende. Portanto, se alguém conseguiu espalhar o erro em virtude da sua auctoridade de doutor, de professor, de orador ou de escriptor, é justo que seja despojado dessa auctoridade. Accrescento que esta humilhação assim infligida é exigida não só pela caridade devida ao público, mas tambem, a maior parte das vezes, pelo bem do próprio auctor, que não consente em se emendar senão quando o seu orgulho está abatido, a sua hypocrisia desmascarada e as suas esperanças dissipadas.

A censura infligida aos maus escriptores deve—dizias tu—ter por fim a sua emenda. A isto respondo que devemos desejar a sua emenda e procurá-la quanto em nós esteja, mas não com detrimento do bem commum, que é propriamente o fim principal a que devemos tender. Quanto às intenções delles, só *Deus* é seu juiz infallivel. Mas o que é certo é que, sejam quaes forem as suas intenções, nem por isso os seus livros e as suas acções deixam de envenenar as almas e de ser, por conseguinte, uma coisa funesta e abominavel. A rectidão da intenção não faz que o erro perca as suas funestas propriedades quando se propaga no público; antes as agrava, por causa do bom nome daquelle que o espalha, porque essa boa reputação põe o erro a coberto de suspeitas e o torna accetavel. Se, portanto, a boa fé não impede que o erro e a acção mal dirigida tenham consequências lamentaveis, é evidente que tambem nos não deve impedir de cuidarmos, quanto seja necessário, de o remediar.

(Continua.)

«Entregar-se um homem às perdas insinuações da lisonja é beber veneno por uma taça de ouro.»

Demóphilo.

(1) Diz S. Francisco de Sales: «Os inimigos declarados de *Deus* e da Igreja devem ser difamados quanto se possa fazer, porque é caridade gritar ao lobo, quando o lobo está no meio das ovelhas, e até em qualquer lugar que seja.» (*Philoteia*, II parte, c. XXIX.)

UM BRADO DE JUSTIÇA

Ao governo provisório da republica portugueza

É do diario de Manaus, «Folha do Norte», o seguinte artigo, que, apesar de longo, não resistimos á tentação de transcrever:

Os recentes acontecimentos desenrolados no velho Portugal, acontecimentos que agitarão tam profundamente a alma nacional, despertam ao espirito do philosopho, do observador e do critico graves cogitações, prementes soluções, que não podem deixar de interessar a quem não fôr alheio e indifferente ao seu tempo.

O que se está passando entre vós não pode ficar limitado ás balizas territoriaes da Patria, á censura íntima das consciencias revoltadas e oppressas, que não encontram outra valvula senão no soffrimento, na humilhação e no opprobrio, mas na critica implacavel, independente e justa dos homens de bem, urge mostrar a insensatez, condemnar os erros postos em pratica pelo novo regimen.

Ao chefe do governo provisório da Republica me prendem laços de delicada cortezia que ainda me fallam ao coração.

A's varias vezes que tenho estado em Lisboa, quando assistia ás eruditas prelecções do sr. dr. Theophilo Braga no Curso Superior de Letras, o consummado professor cumulava-me sempre de extrema gentileza, convidando-me para sentar-me ao lado da sua cathedra magistral.

Esta circumstancia que para outrem poderia talvez servir como excusa na apreciação de vossa obra, para mim é mais um incentivo de dizer a verdade do que penso sobre a revolução que opeastes em vossa Patria.

A minha consciencia juridica de brasileiro e de republicano revoltou-se indignada contra a orientação retrograda, estreita e anti-patriótica que destes ao novo regimen.

Não ha ninguem de mediana cultura, que ainda não tenha perdido o senso moral e os affectos delicados d'alma, que conserve ainda intacto o uso da razão esclarecida e equilibrada sem os laivos de feroz sectarismo selvagem, que não se indigne contra o que estaeis fazendo, contra os attentados de toda a ordem que auctorizaes se pratiquem em pleno seculo XX, como supremo escarneo á civilização e ao progresso da humanidade.

A reviviscencia que fizestes das leis do seculo XVIII dos governos absolutos e tyrannicos, que tanto combatieis nos vossos comícios republicanos e na vossa imprensa liberal, é o attestado eloquentissimo da vossa hypocrisia, da mentira dos vossos principios, da falsidade dos vossos ideaes.

Fazer vigorar leis draconianas da monarchia absoluta em pleno seculo XX, quando se acha consagrado o regimen constitucional representativo por todos os grandes publicistas de Direito Publico, como o unico capaz de reger povos livres, é um regresso ao passado ominoso do qual deveis sair para penetrar no estuario luminoso da verdadeira democracia.

Bem sei que para muitos dos que lerem estas linhas o riso alvar do ridiculo espontará do rictus da face contrafeita, mas pouco se me dá da insensatez e da leviana prosapia dos chamados «espiritos fortes»; pois na justa revolta contra o crime tenho apenas em attenção os reclamos verazes da minha consciencia.

Manchastes a vossa obra com a pratica de ignominaveis attentados contra a liberdade, a honra, a vida e a propriedade de pessoas por si proprias indefensaveis e inermes.

Não respeitastes a delicadeza do sexo, o pudor da virgem; a grandeza immaculada da mulher; tri-

pudiaes numa orgia demoniaca de satyros e de bandidos da peor especie, por sobre o sentimento religioso que, na opinião esclarecida do maior dos brasileiros vivos, o egregio conselheiro dr. Ruy Barbosa, é

«mais universal, menos morredouro, mais indomavel, mais heroico do individuo e do povo; que para acima do egoismo, do amor e da patria, sentimento que, no coração, se entretece a todas as emoções generosas, que, no espirito, nos representa o signal da Divindade em nós; que, na consciencia, influe ou julga todas as nossas resoluções com a perspectiva, as esperanças e a justiça de uma eternidade mysteriosa; que na familia preside ás alegrias e ao lucto; que nas resistencias providenciaes da liberdade contra a força, da opinião contra a tyrannia, é o supremo appello, o grito extremo dos opprimidos».

Ao em vez de imitardes as Republicas da Suissa, dos Estados Unidos da America do Norte e do Brazil, que consagraram o principio basico da liberdade no tocante á crença religiosa, garantindo a plena expansão do mais delicado dos sentimentos humanos, quizestes macaquear o «terror» dos revolucionarios francezes de 1789, que escreveram na Historia essa pagina de sangue e lama que envergonha a especie humana e da qual não deveis fazer bandeira para implantardes o novo regimen politico em vossa Patria.

Quizestes assim retroceder cem annos na evolução das ideias do vosso tempo, que não é mais de oppressão, de tyrannia e morte, mas de viva efflorescencia, de livre locomoção das ideias e de plena affirmação do raciocinio.

Portugal, desde que surgiu na tela da Historia, trouxe o seu baptismo nas aguas lustraes do christianismo, filiação esta tam legitima que nem mesmo os mais encarnicados inimigos da Igreja ousam negá-lo.

O symbolo augusto da Patria, que tremulou «por mares nunca dantes navegados», que presidiu sempre aos triumphos do genio nacional nas descobertas das terras desconhecidas, nas victorias gloriosas contra os infieis e inimigos do nome portuguez, tem insculpido em suas obras as cinco quinas, que representam as cinco sagradas chagas de Jesus Christo.

Nada é mais significativo para uma Nação do que a sua bandeira e esta tem o sello indelevel da crença religiosa, que sempre inspirou os grandes e immortaes feitos dos heroes lusitanos.

Se da bandeira passarmos aos monumentos com que os Povos costumam perpetuar seus factos memoraveis, veremos que os mais notaveis monumentos, de que se pôde e deve orgulhar de possuir o velho Portugal, tem o cunho profundamente religioso.

Fallam bem alto dessas origens christãs o Mosteiro de Santa Maria da Victoria construido por D. João I nos campos de batalha de Aljubarrota, o primeiro monumento de estylo original que honra a Patria de Camões e de Sam João de Deus; a Igreja e o Convento do Carmo de Lisboa, construidos pelo grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira e onde passou este santo varão os restos de seus gloriosos dias, dando exemplo sublime das mais heroicas virtudes; o Mosteiro de Alcobaca; o Convento de Christo, de Thomar; o Mosteiro dos Jeronymos, em Belem, e tantos outros.

A pedra nos rendilhados delicados da architectura, na grandeza e elegancia dos estylos, na elevação das columnas e das abobadas, nas rosaceas polychromicas dos vitraes por onde se escôa a luz morna do Sol, que illumina

as naveas das cathedraes seculares, attesta superiormente que o Povo que possui em sua Historia taes brazões não pôde nem deve renegar seu passado; não pôde, nem deve corar envergonhado de tam legitima e honrada filiação; não pôde nem deve consentir no predominio da «canalha», para o qual inventou o sabio Mestre Carlos de Laet o significativo neologismo—*Ochlocracia*.

A vossa obra, ao em vez de ser uma obra de paz, de congraçamento e de generosas aspirações para o bem da Patria, é de odio encarnicado, de divisão profunda do espirito nacional e de morte a todos aquelles que não quizerem ler o A. B. C. da tyrannia e das proscriptões atrozes que decretastes.

Singular Republica que é a vossa, snrs. do Governo Provisorio.

Num paiz em que a percentagem de analphabetos é superior a setenta por cento, o que quer dizer que apenas pouco mais de vinte por cento sabe ler e escrever, mandaes fechar as primeiras casas de educação de Portugal e decretaes que nellas se installeem prisões modelos!?!

Substituir os templos da sciencia onde a mocidade instrue-se e educa-se, onde o filho do povo encontra a aprendizagem das artes e do trabalho dignificador, pelas cellulas das penitenciarias onde o criminoso muita vez se corrompe e se degrada ainda mais na pratica de actos que a maldade engendra e a sociedade favorece.

Infeliz democracia que fecha escolas e abre prisões, que expulsa benemeritos educadores e galardeia os mastins arruaceiros da patuleia ignobil, que rouba e mata, que insulta e calumnia no afan inglorio do odio truculento e estúpido.

É preciso que se proclame bem alto, sem receio dos chamados «espiritos fortes», que a verdadeira democracia não pôde dar as costas á liberdade de consciencia e um paiz sem liberdade de consciencia é um paiz moralmente liquidado.

Muito antes que os revolucionarios de 1789 tivessem proclamado os tam fallados «direitos do homem», de que tanto abusam os «meetingueiros» de todos os tempos para embaiarem as massas ignaras, já no coração da America, na legislação catholica do Estado de Maryland se praticava a mais plena liberdade de cultos, cento e cincoenta e sete annos antes do «terror» ter borrado a face da Historia com sangue e lama de sua legislação feroz.

É preciso que se repita e com desassombro se diga que os catholicos inglezes, perseguidos pelo protestantismo da sua Patria, procurando a America e fundando Maryland (Terra de Maria) foram inspirados, nessa bellissima conquista da liberdade de consciencia, por dois membros da benemerita Companhia de Jesus, por dois filhos de Santo Ignacio de Loyola.

Talvez não lhes agrade, snrs. membros do Governo Provisorio da Republica Portugueza, o vir eu fallar-vos nos homens contra os quaes o *liberalismo moderno, revolucionario e anarchico* levanta a bandeira de combate sem treguas e contra os quaes assentastes tambem a bateria do odio e da infamia.

Mas a experiencia e as lições da Historia fallam mais alto do que as fallazes theorias dos philosophantes de todas as epochas.

A maior das Republicas do nosso tempo nada perdeu, pelo contrario, muito tem lucrado com a mais absoluta liberdade outhorgada ás ordens Religiosas, que sam por toda a parte fautores de progresso moral, intellectual e material dos paizes que têm o bom senso pratico da vida.

A liberdade, os costumes publicos, o espirito de iniciativa dos Estados-Unidos da America do Norte não perigaram por confiarem a educação de seus filhos ao influxo maternal da Igreja Catho-

lica, que tem na Companhia de Jesus os seus mais devotados campeões, seus mais legitimos defensores, seus mais decididos sustentaculos.

No capitolio de Washington ergue-se imponente a estatua do Padre Marquette, membro illustre da Companhia de Jesus, que a Republica Norte Americana não teve medo, nem a covardia de oficialmente inaugurar como preito de gratidão ao Jesuita Apostolo dos Hurons e ao descobridor de Mississippi.

Sinto a fraqueza da minha pena para fazer a apologia desses homens extraordinarios, que vós tanto odiaes e que, quanto mais ruge o odio em seu furor diabolico, mais augmenta de valor a obra gigantesca do heroico capitão ferido no cerco de Pamplona.

O fidalgo solitario, com ambas as pernas quebradas do ricocheio das balas francezas que sitiavam a fortaleza da cidade hespanhola, recolhe-se ao famoso solar de Loyola e Onaz que elle devia immortalizar.

Soldadas as pernas pela acção lenta e effizaz da natureza, viu Ignacio de Loyola que a harmonia das linhas no aprumo do andar havia desaparecido, já não havia mais a elegancia donairoza do gentil homem, que tantos galanteios despertava na alta roda em que vivia e, por um esforço proprio de sua vontade energica, quiz sujeitar-se a uma operação em que os ossos seriam desarticulados novamente para serem justapostos outra vez e assim corrigirem o desaprumo das pernas.

Esta operação correu sem auxilio de anestesico algum e diz a chronica do tempo que Ignacio de Loyola a supportou com doce sorriso nos labios.

Por aqui se vê que tal heroe e santo que concebeu e fundou a Companhia de Jesus não podia deixar de inspirar, na generosidade de seus filhos, esses modelos completos de homens de acção energica e decidida que, vencendo-se a si mesmos, deixaram na Historia a fama justa das mais preclaras virtudes, dos mais acrysolados devotamentos á causa da civilização e da humanidade, da mais profunda sciencia desses mestres consummados dos quaes o impio Voltaire fez o elogio e que:

«conseguiram ensinar aos selvagens da America as artes rudimentares e conseguiram tambem ensinar as artes mais elevadas a um povo tam agudo e requintado como os chins». — (*Essai sur les Mers*. Capitulo CXCIV).

Ha um brasileiro illustre por tantos titulos e que mereceu em vida do vosso Eça de Queiroz um estudo magnifico sobre a sua sympathica personalidade e não menos calorosos encomios despertou á viuva de Gonçalves Crespo, a talentosa escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, que escreveu paginas soberbas de eloquencia, de escrupulosa verdade historica, de irrefragavel justiça em que reduz a suas devidas proporções todo o libello accusatorio levantado contra a benemerita Companhia de Jesus.

Eduardo Prado vindica, em seu masculino estylo inconfundivel, a grande causa dos grandes perseguidores que, «desde Montesquieu até Augusto Comte, tem recebido a admiração de todos os ignorantes» e que, dado o valor da sua auctoridade, não me posso furtar á honra de illustrar esta carta-protesto com sua irrefragavel opinião.

«No seculo XVIII, Pombal, que tinha a singular mania de regular a sua politica pelo que delle dissessem os estrangeiros, inundou a Europa de livros, folhetos, em todas as linguas, contra os jesuitas e especialmente contra os do Paraguay.

Das estantes dessa magestosa livraria, em grande parte formada em fins do seculo XVIII, contemplam-nos muitas dessas obras hoje votadas ao repouso do esquecimento, e deve ser uma contra-

riedade para os espiritos daquelles escriptores officiaes, defuntos collaboradores da defunta tyrannia, o terem de assistir, presentes nas paginas dos seus livros, a esta solemnia em que sam honradas as suas victimas de outrora.

Preparava Pombal o golpe insensato da expulsão dos jesuitas dos dominios portuguezes, acto que foi para o imperio ultramarino portuguez outro Alcacer-Kibir, como o do seculo XVI para o reino lusitano.

Com a expulsão dos jesuitas, no seculo XVIII, a civilização recuou centenas de leguas dos centros do continente africano e do Brazil.

As prosperas povoações do Paraná e do Rio Grande caíram em ruinas; os indios volveram á vida selvagem; as aldeias do Amazonas despovoaram-se e, até hoje, reinam a solidão e o deserto, onde havia já a sociabilidade humana.

Em nossos dias, a bandeira da Inglaterra, da Allemanha, da Belgica ou da França tremulam em Africa sobre as ruinas de edificações religiosas, num solo que seria portuguez, se não tivessem sido largadas ao abandono e votadas ao esquecimento aquellas terras onde, pelos missionarios, dominava Portugal.

A Historia é, porém, justiceira. As imperfeições que mostrou, as faltas que commetteu por vezes a Companhia, desaparecem deante da grandeza dos seus serviços.

Hoje ninguem, com mediana instrucção historica e bibliographica, falla mais na *Monita Secreta*, obra da calumnia e perversa falsificação conhecida e desvendada». — (*Dr. Eduardo Prado. O Catholicismo. A Companhia de Jesus e a colonização do Brazil* no livro 3.º *Centenario de José de Anchieta*. Pags. 54 e 55. — *Aillaud & C.ª, Paris, 1900*).

Um outro brasileiro que logrou em vida as maiores honras que conceder-se podem a um homem publico, que foi recebido pelo parlamento inglez e pelo de vossa patria, que o saudou pela palavra do vosso grande orador Padre Antonio Candido e que na morte os Estados Unidos do Norte tambem lhe prestaram as maiores honras á sua memoria; inclusive fizeram transportar o seu cadaver num vaso de guerra americano, transformado em camara ardente e acompanhado, até o Rio de Janeiro, de um ministro de Christo, não foi menos claro e preciso na defeza apologetica que fez da obra de Santo Ignacio de Loyola.

É preciso que se quebre uma por uma a dentuça da maldade de uns, da ignorancia de outros que, para seus fins sectarios, callam de proposito os reaes serviços que a celebre Companhia prestou á humanidade e á civilização.

Palavras de ouro como as do saudosissimo Joaquim Nabuco, ha pouco fallecido em Washington, no alto posto de embaixador do Brazil, devem ser rememoradas e repetidas como um grande consolo aos que tem ainda o bello culto da verdade, aos que não esmorecem, nem se arreceiam dos motejos dos chamados *espiritos fortes* e da gargalhada alvar dos ignorantes, quando se deve affirmar uma convicção, defender uma ideia generosa e boa.

Ouçamos a palavra incomparavel do glorioso embaixador brasileiro, em Washington:

«Não tenhamos receio de estar do lado do regresso ficando ao lado de Loyola, na Historia; foi essa a direcção que levou o mundo; teria sido o eclipse da humanidade a morte do catholicismo em plena vida, quando ainda, para não fallar de tantas outras creações, elle tinha que tirar da sua imaginação toda a poesia da caridade, que S. Vicente de Paulo espalhou pelo mundo.

É impossivel não se reconhecer a grandeza da construcção jesuitica.

A Restauração

Não quero oppô-la a ordens muito mais antigas e que vivem ainda hoje de um sopro immortal, que as purifica e renova de epocha em epocha.

Em Subiaco como em Assisi, em Tolosa como em Grenoble, nas galés de Marselha, como na gruta de Manresa, o impulso é o mesmo para S. Bento, S. Francisco, S. Domingos, S. Bruno, S. Vicente de Paulo, Santo Ignacio de Loyola.

Os Exercícios Espirituaes têm a mesma inspiração que a Imitação e a Introdução á vida devota.

O facto é que ella tem traços singulares para uma creação humana.

Já se disse que ella não teve infancia e Paulo III via nos seus Estatutos o dedo de Deus.

Quereis, porém, um traço que ainda mais vos fere?

E' o da sua resurreição quarenta annos depois de abolida tal qual era nos dias de Ignacio e de Acquaviva.

Conheceis em instituição humana uma alma assim immortal?

Quereis outra? Quando ella cae, cae com ella a antiga sociedade.

Cheiseul os expulsa, mas a França perde logo as suas grandes colonias da America: o Canadá e a Luisiania.

Eles sam retirados de *Louis-le-Grand*, mas a «primeira geração que se forma sem elles no collegio sam os *Robespierre, Camille Desmoulins, Joseph Chénier, Tallien*» (Cretineau-Joly IV, 235).

A França os regeita, mas a Prussia os recolhe, «quantos possa», dizia Frederico II, e no futuro a influencia desse pequeno contingente como o dos calvinistas banidos por Luiz XIV, faz-se sentir na formação da mocidade prussiana.

Ha nada mais extraordinario na Historia que essa legião de jesuitas que atraz de S. Francisco Xavier oriente asiatico e africano que vam ao Japão, á China, á cõrte de Akbar, á Abyssinia; que sam feitos mandarins em Pekin, que vivem nas galés em Constantinopla, como escravos nas feitorias do Congo?

Ha quadro mais impressivo que o desses jesuitas, uns vestidos com toda a pompa de bramanes, outros na humilde posição de parias, encontrando-se sem que estes ousem levantar os olhos para aquelles?

Não temos medo de voltar as cartas á liberdade moderna e á sciencia livre, honrando a Companhia de Jesus.

Não acrediteis que perigasse a liberdade intellectual nos collegios de que saíram Bossuet, La Rocheloucauld, Montesquieu, Descartes, Vico, Diderot, Rousseau e Voltaire.

Acrediteis que os calculos de um padre Secchi possam ser alterados por nenhum preconceito theologico?

Acrediteis que qualquer texto da Biblia vede o passo dos jesuitas decifreadores de papyrus egypcios ou de tijolos da Assyria?

Suppondes que a sciencia catholica não recolheria em suas jazidas os fosseis humanos com a mesma probidade que os naturalistas do Museu de South Rensington?

Haverá alguma censura em Roma em todo o dominio do telescopio e do microscopio combinados, alguma opposição a quaesquer raios Roentgen do futuro?

Qual teria sido a sorte da conquista em relação ás raças, pode-se deduzir desse odio de morte de mamelucos contra jesuitas, que culmina no incendio e arrasamento das soberbas Reducções do Guayra, esboço de um grande imperio guarany, na morte e partiha dos seus habitantes, despejo que alguns calculam em oitenta mil (80:000) captivos.

Vêde o Padre Montoya dirigindo a imigração dos chamados selvagens do Novo Mundo, deixando suas casas, suas igrejas, suas plan-

tações arrazadas, para escapar á crueldade dos bastardos de europeus, vindos para civilisar a America.

Sem os jesuitas a nossa Historia colonial não seria outra cousa senão uma aldeia de atrocidades sem nome, de massacres como os das Reducções; o paiz seria cortado de estradas, como as que iam ao coração da Africa aos mercados da Costa, por onde só passariam as longas filas de escravos.

Esse é que seria o destino da America do Sul, emquanto á margem dos seus rios restasse alguma faixa por escravisar ou por exterminar de todo.

A ideia do colono era reduzir o indio ao captiveiro e, não podendo ser, exterminá-lo; a ideia do jesuita era reduzi-lo á liberdade christã e preservar em cada um dos seus individuos, todas as raças autochtones.

Dahi esse odio, esse rancor contra elles, que fazia Nobrega dizer: «*Eu se houver de ser martyr, ha de ser á mão de nossos Portuguezes Christãos e não dos BRAZIS.*»

E essa luta do jesuita no Brazil pela liberdade e pela vida dos indigenas não é senão um episodio da sua campanha na America.

Do Canadá á Patagonia elles levantam a mesma bandeira e vertem o seu sangue pela mesma causa.

E' por esse principio que o Brazil adquire a sua individualidade nacional; é por esse principio que elle traz gravadas, como a America toda, no frontespicio da sua historia as duas letras magneticas —S. J. (*Sociedade de Jesus*).

Sam grandes iniciaes aquellas, ficæ certos.

Esses homens todos, para tomar a expressão de um adversario da Companhia, sam «*colossos vasados em bronze*».

Sam estatuas gigantescas, das quaes o globo não é senão o pedestal.

Não tenhamos receio de confessar que devemos á Sociedade de Jesus, como eu disse, o nosso traço perpetuo.

Não ha outro molde em que se possam fundir raças, sociedades, individualidades mesmo, senão o molde religioso.

Sem a larga passada do jesuita, Portugal não se teria antecipado assim em tam extensos dominios e sem elle não teria mantido sua posse.

Se o Brazil tivesse sido lançado em outra forma, ha muito que se teria feito em pedaços.

(Dr. Joaquim Nabuco—*A Significação Nacional do Centenario Anchietano. Op. Cit. Pag. 327 e seguintes*).

Iria muito longe se tivesse de transcrever para esta carta-proteto a bellissima apologia historica, que o grande brasileiro, em sua limpida e formosa linguagem faz das Ordens Religiosas em geral e da benemerita Companhia em particular, vingando com o seu estupendo talento e vasta erudição, as accusações ridiculas, o odio impenitente e atroz e a infamia villã que ainda em pleno seculo XX, quizestes reproduzir e pôr em pratica em Portugal e em suas minguadas colonias.

Felizmente, para honra da humanidade e da cultura brasileira a violencia e o crime que, com tanta audacia, commetestes não tiveram apoio, nem sequer sympathia da culta Europa e deste lado do Atlantico: a Nação pelos órgãos legitimos de sua soberania, pelo Parlamento, pelo Superior Tribunal Federal, repelliu a affronta de em pleno seculo XX perseguirem-se homens e mulheres por motivos de crenças religiosas.

O Brazil abre as suas portas de par em par a todos os perseguidos do vosso odio e do vosso rancor: aqui podem viver gosando da mais ampla liberdade que as nossas leis concedem a todo o ser humano que queira empregar honestamente a sua actividade.

O Suptemo Tribunal Federal,

o mais elevado Tribunal da Republica, interpretando e applicando o preceito constitucional de que «*todos os individuos e confissões religiosas podem exercer publica e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens*», e que «*por motivo de crença ou função religiosa, nenhum cidadão brasileiro poderá ser privado de seus direitos civis e politicos*», concedeu o amplo e illimitado remedio *Habeas corpus* a todas as victimas do vosso odio e da vosso perseguição, que se resolverem e quizerem habitar o Brazil, gosando assim das garantias verazes que a Constituição da Republica concede a todos os habitantes do seu territorio. (Art. 72 §§ 3 e 28 *Da Declaração dos Direitos*).

E' triste, é doloroso que queiraes implantar em vossa Patria um regimen politico que pretende se impôr á Nação precisamente ostentando supremo desprezo, odienta perseguição ao sentimento religioso da grande maioria do paiz, que deste modo é governado apenas por uma minoria insignificantisima cuja unica preocupação é fazer triumphar as suas ideias sectarias, profundamente demolidoras e anarchisadoras da homogeneidade nacional.

Deste modo a vossa obra, longe de consultar aos dictames da verdadeira democracia e da justiça social, nasceu manca e eivada de erro grave e grosseiro, que o vosso sectarismo estreito e retrogrado tanto tomou a peito implantar em Portugal.

Abristes mão da maior força moral que existe na Terra, dessa força, que sem canhões nem instrumentos de guerra, sem exercitos e sem armadas, vem ha 20 seculos afirmando a sua existencia immortal, o seu prestigio colossal, a sua energia sobrehumana, que tem resistido a todos os embates revolucionarios, a todos os embustes, a todas as astucias, a todas as argucias, a todos os caprichos, a todas as aventuras de que nos falla a Historia.

Vinte (20) seculos de uma vida immortal sempre rejuvenescida pelas mais bellas iniciativas do progresso nas sciencias, nas letras, nas artes e no bem da humanidade; 20 seculos de continuo e indefeso apostolado pelos mais caros e generosos ideaes de que sam susceptiveis o coração e a intelligencia do homem ainda não sam suficientes para convencer o mesmo homem!?

O peor cego é aquelle que não quer ver, que fecha propositadamente os olhos aos raios brilhantes do Sol, a fim de que a luz não lhe tire a retina.

Será de bem amargas decepções o tristissimo exemplo de feroz intolerancia que estaes dando; pois não conseguireis o vosso fim, a vossa obra é transitoria e precaria, transuda odio e veneno que não dam vida duradoura ás instituições sociaes.

Recusaes comparecer aos suffragios que a Igreja Catholica em homenagem ás victimas da revolução piedosamente intenta prestar, sob o futil e ridiculo pretexto que a Republica Portuguesa não reconhece a existencia legal da Religião.

Emquanto assim procedeis, calculando aos pés os delicados sentimentos de cortezia e de piedade com os Mortos, nos Estados Unidos do Norte, com todo o seu poderio e colossal progresso, o governo da Republica não só assiste aos suffragios religiosos pelos Mortos, sem que por esse facto deixe de ser a grande Republica Americana prestigiada e admirada, porém vae mais longe.

Nas grandes solemnidades nacionaes, na abertura do Parlamento, na inauguração de suas exposições, dos seus congressos, de suas minas, de suas fabricas, a voz do Ministro de Christo se faz ouvir, implorando as bençãos do Ceu, porém vae mais longe ainda.

Nos navios de sua presente esquadra, nesses colossos de ferro e aço que ostentam o prestigio e a grandeza dos Estados-Unidos, ha capellães catholicos que assistem aos officiaes e marinheiros catholicos, capellães pagos pela Republica e tratados a bordo com todas as honras devidas ao caracter sacerdotal de que se acham revestidos.

Na America do Norte não ha religião de Estado, não ha religião official, entretanto o catholicismo é acatado, respeitado e honrado pelos poderes da Republica, que não têm a estúpida velleidade de perseguir as Congregações Religiosas, de expulsá-las da Patria, de apossar-se de seus bens e, pela pilhagem aladroad e cynica, justificar todos os excessos que o crime engendra e as ruins paixões incitam.

Não satisfeito com todas estas demonstrações publicas de respeito e acatamento pelo sentimento religioso, o governo da Republica dos Estados-Unidos do Norte quiz, de modo especial, solemne e em caracter official, honrar a Divindade escolhendo para este fim um dia no anno dedicado ao Creador.

Ainda o anno passado a solemnidade do *Godthangivingday* (Dia de acção de graças a Deus) teve logar na Igreja de S. Matheus, em Washington, pontificando Sua Eminencia o Snr. Cardeal Gibbons, com assistencia official do presidente da Republica, dos ministros, do corpo diplomatico acreditado junto ao governo da Republica e dos representantes de todas as classes sociaes.

Assim procedem os governos esclarecidos, fortes, genuinamente democraticos, que têm a noção da verdadeira liberdade; assim agem as Nações ricas e grandes que prosperam sob o pallio da tolerancia, que é a caridade da intelligencia, no pensar profundo do Apostolo S. Paulo; assim pensam os povos varonis, que ignoram o que é o medo, a covardia e o espirito sectario, odientos e ferozes.

E' para lamentar, snrs. do governo provisório da Republica portugueza, que havendo entre vós, robustas intelligencias servidas por vasta erudição que eu acato e respeito, fosseis, por uma destas tristes aberrações do senso moral de que os grandes talentos não estão isentos de reproduzir em vossa Patria, o cyclo das prescripções revolucionarias para attingirem, em sua malha vulpina, homens e mulheres que, segundo vós, não têm direito á vida, á liberdade e á propriedade, direitos estes essenciaes que todos os povos que se têm em conta de civilizados não negam nem aos selvagens.

E' contra a vossa iniquidade que a minha consciencia juridica de brasileiro e de republicano se revolta e sinto-me bem commigo mesmo em poder manifestar publicamente a profunda indignação que me vae nalma, ao contemplar a morte lenta de um Povo que se esphacela e aniquilla, ao influxo de tam perversas ideias.

A *Folha do Norte*, conceituado órgão da imprensa pataense, de vasta circulação em o norte do Brazil, agradeço penhoradissimo a acolhida gentileza da publicação deste artigo, que valerá como protesto vehemente e irretactavel contra a tyrannia e o crime que, em nome da liberdade, estaes praticando no velho Portugal, digno de melhor sorte.

Manaus, 28 de novembro de 1910.

RODRIGO COSTA.

Lente cathedratico de logica do gymnasio amazonense, professor de direito commercial e economia politica da escola municipal do commercio de Manaus, membro do instituto da ordem dos advogados brasileiros, membro da associação dos advogados de Lisboa e do instituto do Ceará.

Commendador Luis José Fernandes

Victimado por uma congestão cerebral, falleceu ontem, cêrca das cinco horas da tarde, na sua casa da Costa, o snr. commendador Luis José Fernandes. Tinha sessenta e nove annos de idade.

O conhecimento que todos os Vimaranenses têm do illustre morto dispensa-nos de fazer o elogio das suas qualidades.

Homem de consciencia rectissima, christão pratico e exemplar, modelo dos paes de familia, cidadão duma honradez illibada, brilhavam nelle todas as virtudes compatíveis com a sua condição.

Não havia obra boa em que não estivesse sempre disposto a cooperar com a sua acção pessoal ou com as larguezas da sua liberalidade.

O mal a que seccumbiu assaltou-o a caminho da igreja, aonde ia assistir á santa Missa e receber o Pão dos fortes, como diariamente costumava fazer.

Quem estas linhas escreve, conhecia-o bem desde muito; mas teve—como varias outras pessoas—a triste e consoladora occasião de, por assim dizer, palpar as solidas disposições christãs da sua consciencia perante a morte, que elle, contra o parecer dos que o cercavam, sentia aproximarse. Não pedia a Deus a morte—dizia—, não porque a temesse, mas porque antes queria sujeitar inteiramente a sua vontade ás determinações do Senhor.

Morreu como vivera. Bem-aventurados os que morrem assim!

Mas como a justiça de Deus é infinita, pedimos aos nossos leitores as suas preces em suffragio da alma do saudoso morto.

E a sua illustre familia, principalmente a suas dedicadissimas filhas e genro, a sincera expressão das nossas condolências.

Arrematação

(1.ª Publicação)

No dia cinco de fevereiro proximo, pelas onze horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta comarca, sito na rua das Lamellas, desta cidade, por virtude de deliberação do conselho de familia, e para pagamento de passivo orphanologico a que neste Juizo se procede por obito de João Candido Lamosa, casado que foi com a inventariante Thezeza de Oliveira, do logar da Lameira, freguesia de Caldellas, desta mesma comarca, ha de vender-se em hasta publica, pelo maior lance obtido acima do valor abaixo declarado, uma propriedade composta de tres moradas de casas terreas, com terreno de horta, dividida em socalcos, e terreno inculto com arvores de vinho, situada no logar da Charneca, da dita freguesia de Caldellas, a qual será posta em praça pela quantia de cem mil reis.

Declara-se que toda a contribuição de registro fica por conta do arrematante.

Guimarães, 14 de janeiro de 1911.

Verifiquei a exactidão,

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão de 4.º officio,

Joaquim Penafort Lisboa.



OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO, PAPELARIA E LIVRARIA

— DE —

Antonio Luis da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com cerca de 240 colleções de typos, machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na Officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco, para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos perfeitos e rapidos

No mesmo estabelecimento encontram-se em exposição imagens religiosas, da casa EL ARTE CRISTIANO—Olot, (Gerona), de cartão madeira, (materia privilegiada por um decreto da Sagrada Congregação de Indulgencias e Sagradas Reliquias), assim como estampas para lembrança da primeira communhão e catechese, que se vendem por preços muito economicos.

As edições desta casa encontram-se á venda em S. Paulo (Brazil), no Centro de Propaganda Catholica, de Campos & C.^a, R. de S.^{ta} Thereza, 20.

BIBLIOTHECA RELIGIOSA

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Papelaria annexa á Typ. Minerva Vimaranesense—Rua de Payo Galvão.

Recordação de meus estudos

Pelo auctor do *Método para formar a infancia na piedade*. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorisação do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

1.^a série—Um vol. de 46 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "
2.^a série—Um vol. de 50 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Os beneficios da confissão

Por F. J. d'Erville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorisação do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 60 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "
Franco de porte.

As Bem-aventuranças evangelicas

Postas ao alcance de todos

Pelo Padre Deville, Doutor em theologia. Traducção do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorisação do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "
Franco de porte.

Conselhos sobre a educação

Segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorisação do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 112 páginas em 8.^o:
Em brochura 100 reis
Cartonado 160 "
Franco de porte.

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á missa?

Opúsculo altamente louvado por sua Santidade Pio X e traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria, Professor no Seminario-Lycée de Guimarães. 2.^a edição auctorizada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primás.

Um folheto de 32 paginas, em 8.^o
Avulso **30 rs.** franco de porte.

Para propaganda, por cada 10 exemplares, remetidos pelo correio, 225 reis. Sendo o pedido de 100 exemplares, inclusivé, para cima, faz-se o preço de 20 reis cada um, franco de porte.

Officio da Immaculada Conceição

Texto portuguez, com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 páginas, em bom papel
Preço 20 reis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

VARIAS OUTRAS OBRAS

Á venda na mesma casa:

Vida de S. Luis Gonzaga

Modelo e protector da mocidade catholica

Um vol. de 50 páginas, com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:
Preço 30 reis
Pelo correio 35 "

A Dictadura

Por Joseph Viaud, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 páginas, formato elegante:
Preço 250 reis
Pelo correio 270 "

Burgueses e operarios

Dialogo entre um socialista e um homem de bem

(Versão do francês)

Um volume de 118 páginas em formato elegante:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

Encarrega-se de mandar vir da LIVRARIA CATHOLICA PORTUENSE, Centro de Propaganda religiosa em Portugal e Brazil, qualquer obra annunciada no seu catalogo.

ÁLEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Bilhetes postaes illustrados

Colloridos, e em preto, variedades de gostos e preços a começar em 20 réis.

Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 réis.

Collecções dos mais importantes monumentos, paysagens, avenidas, jardins, associações, etc., etc., da Cidade de Guimarães e da Penha, compostas de 30 exemplares, a 500 réis.

Todas as requisições devem ser dirigidas a Antonio Luis da Silva Dantas e accompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 réis ou vale postal, sem o que não serão attendidas.

Albums illustrados

Com as mesmas 30 vistas dos postaes lindamente cartonados, a 500 réis.

Bilhetes postaes de propaganda religiosa

Com diversas imagens. Preço de cada um, 5 réis.
Em series de 20 ou mais exemplares sortidos, faz-se a remessa franco de porte

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHÓLICO

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno 1\$300 rs.
Semestre 650 "
Trimestre 350 "
Numero avulso 30 "

Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetição, por linha 20 "
Reclamos, até 5 linhas 100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOCTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, capellão de Montmartre.

Traducção de R. F.

Introdução do Padre J. S. Abranches

Pedidos á Administração do *Novo Mensageiro*, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 páginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

A RESTAURAÇÃO

6.^o anno

SEMANARIO CATHÓLICO

N.º 307

Ex.^{mo} Snr.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luis da Silva Dantas, director e administrador de *A Restauração*.